

# Pontalis e esse tempo que não passa

Luís Carlos Menezes

Resenha de J.-B. Pontalis, *Esse tempo que não passa*, São Paulo, Quina, 2024, 208 p.

Como falar do que pode estar em jogo na clínica psicanalítica? Pontalis, coautor, na juventude, de um *Vocabulário da Psicanálise* – obra mencionada em *passant*, apenas para dizer que o propósito ali não era fixar o sentido das palavras –, avesso aos conceitos antigos e novos, não se deixa aprisionar por eles, como podemos ver nesse livro agora disponível em português, entregando-se a uma prosa leve, que não perde em momento nenhum o frescor e a acuidade de uma fala sempre próxima dos desafios da clínica, da sua clínica. De tal maneira que configurações as mais difíceis vão se delineando, transitando com naturalidade por elementos de casos clínicos evocados numa continuidade esclarecedora de formulações que se adensam ao abrirem perspectivas para o pensamento. Mesmo quando não há menção a casos clínicos do autor, as situações evocadas remetem vivamente o leitor a tal ou qual situação de sua própria clínica, com um valioso efeito *supervisivo*.

O fio condutor, presente no título da obra, é posto de saída e de forma contundente com a

afirmação de que há uma descoberta básica na experiência analítica, qual seja, a de que “o tempo não passa” (p. 13).

Afirmção que remete, para começar, ao fechamento imobilizador em que se encontra pego o sujeito no sintoma neurótico, condenado a uma vida em impasse, estéril, fechamento que se atualiza com tenacidade na vivência transferencial de uma fala em análise na qual “o tempo está congelado” (p. 16). Como no caso da paciente que diz: “quando penso que aos quarenta anos ainda estou aqui” (p. 15).

*Aqui* que para o analista é um espaço inexoravelmente fechado, em que ela se encontra “lutando com o gozo ignorado de uma mãe” (p. 15) e com “a enorme sedução exercida sobre ela por esse pai intocável” (p. 15), observando o autor que um pai que nunca se deixa seduzir pela filha “é mais mortificante no seu desprezo do que um pai sedutor” (p. 15). Qualquer efeito *a posteriori* parece inoperante nessa análise.

Do caráter imobilizador do sintoma neurótico, somos convidados a visitar o tempo no trabalho do sonho, paradigmático da escuta, tempos que ignoram a irreversibilidade, na verdade “tempos que se misturam” (p. 16), indo em todas as direções, e no qual as imagens são vividas todas no tempo presente. Essas temporalidades operando num verdadeiro “fora do tempo” (p. 17) estarão em tensão com o tempo cronométrico da sessão, ou o da duração da análise. Há, no trabalho analítico, uma tensão entre esses dois tempos.

Esse tempo que passa, o cronométrico, do calendário, do *How many analytic hours* – alfineta Pontalis, evocando os que chama de *defensores da contabilidade*. Vai além afirmando que, “para muitos, esta seria a pergunta que serviria de único critério para decidir o que é análise e o que não é!” (p. 17). No caso, é difícil não lembrar que foi sob a sua presidência da APF (Association Psychanalytique de France), no início dos anos 1970, pouco depois da saída de Lacan, que a prática das análises chamadas de didáticas foi abolida nessa associação. Conciliação, de fato difícil, entre esse “tempo outro, esse fora do tempo” (p.

17) da matéria com que trabalhamos e o tempo mensurável dos gestores das instituições. Questão ainda mais delicada quando o autor encontra na transferência a melhor referência para situar o “tempo outro” do sonho (p. 18).

Transferência que, “como sabemos, ultrapassa a pessoa do analista” (não sei se hoje haveria esse consenso), e que vai além de “qualquer figura real ou imaginária do passado” (p. 18). A transferência é reafirmada, numa tradição de pensamento que me é familiar, como sendo “fora de figura, fora do tempo e fora da linguagem”, como “paixão ativa, exigente, intensamente atual, mas sem idade” (p. 18).

É uma escolha minha manter-me, nesta resenha, tão próximo do autor e do seu livro, limitando-me a oferecer indicações sobre o modo de pensamento desenvolvido no livro, e não buscar, o que seria mais habitual no encontro com um livro novo, problemáticas que pudessem abrir para novas questões.

Na verdade, é um escrito, digamos, desse ponto de vista, bastante clássico, pois de tempos em tempos o autor sinaliza em que terreno das orientações freudianas, relativas àquilo que o tratamento produz, nos encontramos: até aqui, está se movimentando nas duas formas de *passado presente* na obra de Freud, a rememoração e a repetição. Rememoração que na psicanálise subverte o que entendemos por memória ou por história, pois tanto no sonho como na transferência saímos do tempo mensurável. E, na repetição, na qual o que é visado não é o cenário repetido, mas a fantasia que lhe é subjacente. Busca, pois, do “que nunca pôde ser dito em si mesmo, estando no limite da linguagem” (p. 32).

Antes de entrar na *travessia*, imagem para uma análise em andamento, parece, como costuma fazer nesses pequenos livros, recolher-se por momentos em si mesmo – embora se refira a artistas precisos – ao afirmar, com delicadeza, que “a aquarela expressa a graça do instante e a tristeza do tempo que passa”... o tempo, “nosso ser fugitivo por excelência”, num momento de evocação de imagens em aquarela ou em fotografias, das praias da Normandia, onde, creio, passava as férias na infância, com a família (p. 41 e 42).

Continua compartilhando a sua experiência de analista, em que distingue o tempo inicial, das entrevistas, que segundo ele levam o analista – baseado na história que o paciente relata sobre a sua vida, seus “problemas” – a ter compreensões simplificadas da trama em que este se encontra enredado. São percepções redutoras que se mostrarão bem mais complexas no decorrer do processo analítico – ele não gosta da palavra processo nesse contexto, preferindo chamá-los de movimentações. O autor não menciona, a esse propósito, a experiência das supervisões, em que relatos de análises em andamento chegam pela primeira vez ao supervisor, nem a flutuação de pedaços de inteligibilidade que vão sendo ali produzidos, nos sucessivos encontros, com o desenrolar dos relatos.

A *confiança* nessa travessia parece ser mais uma implicação, um compromisso íntimo do analista e do analisando em persistir nessa viagem/aventura, “por mais longa, por mais difícil, por mais perigosa que seja...” (p. 53).

Em outra passagem o autor põe em relevo o que entende ser a invenção de Freud, por um lado, de um método: associação livre, trabalho de desfiar, e, de um dispositivo: a fala associativa do paciente, que Pontalis chama de *parole allongée*, em que a postura deitada deve obviamente ir além da fala no divã ou não, remetendo a uma modalidade de fala (*allongée*) mais próxima do sono, do sonho, das fantasias e devaneios do que da ação, com suas funções explicativas e comunicacionais, próprias das realidades práticas e das racionalidade que as permeiam.

A confiança nessa travessia supõe seguramente a aposta no método interiorizado e esse dispositivo, mas também o que o autor chama, em uma nota de rodapé, de desejo terapêutico e de desejo de analisar, sugerindo uma figura cênica originária para cada um deles (p. 28, nota 18).

Sabemos da importância atribuída ao que Lacan chama de desejo do analista (desejo de análise, seguramente) nessa implicação sustentada, mas aqui o autor não parece à vontade para tocar nessa referência. Nem sempre é fácil se referir a

um ex-analista que era e pretendia ser um Mestre, sem se sentir limitado à condição restritiva de seguidor. Não é por nada que menciona, nessa passagem, Ferenczi e suas preocupações terapêuticas! Numa ocasião eu o ouvi dizer para si mesmo, pensativo, durante uma supervisão, “perto dele eu não conseguia pensar”. Adivinhei, claro, quem era ele, embora não me lembre que falássemos de Lacan; aguardei com um silêncio respeitoso que ele voltasse para o que fazíamos.

Em *O amor dos começos*<sup>1</sup>, Pontalis fala longamente de seus mestres, de Sartre e de Lacan, exprimindo ali a sua gratidão pelos proveitos pessoais (terapêuticos?) em seus dez anos de análise com Lacan e pelo que aprendeu com o ensino de Lacan, dando também vazão a suas críticas em relação a cada um deles, insistindo na necessidade de não perder a própria linguagem – o modo próprio de pensar as coisas – quando capturado pela linguagem do mestre.

Essa pequena digressão veio a calhar, pois ao descrever a “travessia”, os “movimentos” (não processo, que conotaria um percurso muito previsível e ordenado), ao longo de uma análise, afirma, em forma de interrogações, um modo de ver que o leva a questionar uma formulação... de Lacan. Vejamos: “Atravessar para ir em direção a que... o percurso incerto sendo decidido gradativamente? Se o desconhecido estivesse menos atrás de nós... do que a nossa frente? Aquilo que ainda não sabemos, por não ter experimentado, por não ter encontrado.” (p. 54). Para, logo depois, perguntar: “Será que podemos falar de ‘direção do tratamento’ (Lacan) quando não sabemos o que o conduz?” (p. 54).

Questões que, é verdade, permeavam as práticas e as preocupações dos jovens analistas já na época, em Paris – nos anos 1970 – e que, tomadas ao pé da letra, parecem contrastar com a necessária suspensão do saber prévio, na escuta. Seguramente um colega mais centrado, em sua prática, na referência à obra de Lacan, nuançaria

essa formulação, situando-a num contexto mais preciso, como o faz o próprio Lacan, no longo artigo em que usa essa expressão<sup>2</sup>. Pessoalmente, vejo essa segurança em relação a um rumo, uma rota definida, em relação ao transcorrer nas sessões, mais na fase, hoje distante, de um período em que a técnica kleiniana se impôs com toda a sua importância, mas que foi desestabilizada por Winnicott, por um lado, e por Bion, de outro, e pelos desenvolvimentos dos próprios kleinianos no sentido de restabelecer um não saber do analista na escuta e um necessário tempo para que o inesperado surja.

No contexto em que estou me detendo, Pontalis é categórico com relação à pergunta: “O que está acontecendo?”, afirmando que ela “escapa aos sujeitos” (p. 55). Essa pergunta, eu a vejo como bastante central entre os colegas bionianos, como um ponto mais de interrogação necessária do que da certeza de uma resposta. E, em geral, a vejo formulada na ênfase do contexto do encontro, de cada encontro, cada sessão, o que parece retomado aqui por Pontalis no que diz sobre “seu estranho encontro, o de dois estranhos abertos ao seu próprio desconhecido...” (p. 55). De toda maneira, ao afirmar que isso “escapa aos sujeitos”, reafirma a radicalidade de um inconsciente em ato, apenas apreensível na escuta clínica e nas produções transferenciais, eixo seguramente de seu trabalho clínico.

Ponto de entrecruzamento, onde Pontalis é levado a contrapor o que chama de “inconsciente inteligente” à “estupidez do inconsciente”: se o primeiro é potencialmente pelo menos, inteligível, é uma língua portanto decifrável de uma forma ou de outra, no segundo domina o informe, o excesso, quando ele deixa de poder ser entendido como sistema e não tem nome, ficando apenas como “isso” (p. 101). E “como reconhecemos que estamos lidando com isso?”, pergunta ele. Quando vemos que “a análise não funciona mais” (p. 110). O que se impõe no tratamento é a “afirmação intensa e sem sentido do negativo, nesse apego à nossa dor”. Deparamos com uma “imobilidade desejada, reivindicada ferozmente... uma recusa

1 J.-B. Pontalis, *O amor dos começos*, p. 43-56 e p.115-125.

2 J. Lacan, “La direction de la cure et les principes de son pouvoir”, *Écrits*, p. 585-645.

obstinada à mudança” (p. 111). O paciente, por mais que tenha trabalhado finamente suas questões em análise, “não está naquilo que deveria representar-lo...”, “ousemos utilizar a palavra: seu ser”. E do analista “espera que não seja apenas um intérprete ou objeto da transferência, que não pague apenas com a moeda das palavras, mas pague com sua pessoa” (p. 113).

Sobre um caso clínico, ele diz que a paciente “me pede para ver o que ela vê, para sentir o que ela sente...”. Acrescentando, logo adiante, que “são momentos de extrema desordem” (p. 113 e p. 114). Quando a paciente lhe pergunta “será que você consegue perceber?”, “o que ela quer de mim, mesmo sabendo que é impossível é que eu ‘alucine’ junto com ela, como ela” (p. 114 e p. 115). O que é visado não é “a posse do objeto, que é sempre contingente e aleatório, mas da coisa em si. Ainda mais que possui-la: tornar-se um só com ela...” (p. 114 e p. 115). O que pode estar sendo buscado é “um consentimento para viver com a perda e não mais sobreviver na perda” (p. 58).

Estamos no terreno da compulsão à repetição, dominado por movimentos *negativantes* em

relação a qualquer esforço de transformação e de ligação simbólica pela perda e pelo recuo que as palavras têm o poder de produzir, como instrumento por excelência do trabalho analítico. A dificuldade nessas situações críticas da clínica está em que as palavras supõem esse recuo e essa perda, essa justa distância, intoleráveis na presentificação compacta e imediata do sintoma, na urgência inegociável, inamovível, do atual. Desafio da clínica até que seja possível ultrapassá-lo, para reencontrar condições de relançamento da vida psíquica, em que possa reencontrar “na incompletude o sopro de vida e a nossa licença para viver, e o prazer de estar em movimento, de respirar, de mudar de ar, de mudar de melodia...” (p. 128).

Esse livro pode ser um bom encontro na cabine de trem, no caso, encontro com um analista que sentiremos próximo de si mesmo e, creio, também do leitor, se esse se ver mobilizado e reavivado em seu pensamento clínico.

#### Referências bibliográficas

Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.

Pontalis, J.-B. (1988). *O amor dos começos*. Rio de Janeiro: Globo.

\_\_\_\_\_. (1986). *L’amour des commencements*. Paris: Gallimard.